

A FENOMENOLOGIA EXISTENTE ENTRE O ESPAÇO E A ALMA HUMANA: UM ESTUDO PELA CONTÍSTICA CONTEMPORÂNEA DE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA, NAS OBRAS A *PENUMBRA* (2004) E *MENTE INSANA* (2008)

THE PHENOMENOLOGY BETWEEN SPACE AND THE HUMAN SOUL: A STUDY BASED ON THE CONTEMPORARY CONTISTICS OF AGNALDO RODRIGUES DA SILVA, IN THE WORKS A *PENUMBRA* (2004) AND *MENTE INSANA* (2008)

Lucimaira da Silva Ferreira¹

Recebimento do Texto: 04/04/2025

Data de Aceite: 30/04/2025

Resumo: Este artigo estuda os contos do escritor contemporâneo em língua portuguesa Agnaldo Rodrigues da Silva, inserido na literatura brasileira produzida em Mato Grosso. A pesquisa está articulada à análise de um conjunto imagético recorrente, composto pelas figuras da casa, da chuva e da noite, que aparecem com frequência nas narrativas. O corpus é constituído pelos dois primeiros livros do autor: *A Penumbra* (2004) e *Mente Insana* (2008). O referencial teórico adotado para a análise baseia-se nas contribuições de Bachelard (1979), Cândido (1993, 2009), Heller (1948, 2008), entre outros estudiosos da área.

Palavras-chave: Casa. Chuva. Literatura Mato-grossense. Noite.

Abstract: This article studies the short stories of contemporary Portuguese-language writer Agnaldo Rodrigues da Silva, included in Brazilian literature produced in Mato Grosso. The research is linked to the analysis of a recurring set of images, composed of the figures of the house, the rain and the night, which appear frequently in the narratives. The corpus consists of the author's first two books: *A Penumbra* (2004) and *Mente Insana* (2008). The theoretical framework adopted for the analysis is based on the contributions of Bachelard (1979), Cândido (1993, 2009), Heller (1948, 2008), among other scholars in the field.

Keywords: House. Rain. Literature from Mato Grosso. Night.

¹ Professora efetiva da rede pública do Estado de Mato Grosso/SEDUC. Graduada em Letras (1999). Especialista em Relações Raciais, Educação e Escola no Brasil (2007). Mestra em Estudos Literários (2023). Doutoranda em Estudos Literários, com a pesquisa intitulada *Figuração e Sobrevida da Personagem Feminina na Literatura Contemporânea: uma odisséia pela ficção de Agnaldo Rodrigues da Silva*. Cursou toda a vida acadêmica na Unemat/Cáceres. E-mail: lucimaira.ferreira@unemat.br

Introdução

Agnaldo Rodrigues tem se destacado no cenário artístico-literário do Estado de Mato Grosso por publicações de conteúdos que compreendem várias temáticas, entre elas mitologia, folclore, contos psicológicos que mergulham nas profundezas da alma humana, texto cênico, entre outros. Nascido na cidade de Cáceres/MT, faz-se um grande representante da cultura local por escrever textos que disseminam o valor cultural do lugar onde nasceu e também demonstra grande habilidade por apresentar a mais pura ficção na escrita de contos no Estado. Pode-se dizer que pertence à nova geração de escritores que adotaram a contística percorrendo o caminho da ficção literária. O universo engendrado em seus contos nesses dois primeiros livros é marcado pela tensão entre o bem e o mal, o amor e o ódio, a paz e o tormento, opostos que se atraem em narrativas amplamente psicológicas e densas.

O texto aqui apresentado tomará como suporte teórico a análise do espaço nos contos de Agnaldo Rodrigues da Silva e sua relação com a alma humana. O corpus compreende os dois primeiros livros de contos publicados por este autor. O primeiro intitula-se *A Penumbra*-contos de introspecção (2004) e *Mente Insana* (2008), ambos ambientados no mais íntimo da alma, misturando sonho e realidade num cenário onde a loucura parece parte do real. Cabe ao leitor desmembrar o sonho da loucura e verificar até onde nossos pensamentos podem chegar ou mesmo onde a ficção se confunde com o mundo real.

No embasamento teórico das análises, em relação à noção de espaço e aos seus desdobramentos no texto literário, partimos, mais especialmente, das teorizações de Gaston Bachelard (1979) na conhecida obra *A poética do espaço*. Julgamos pertinente lançar um breve olhar às reflexões que o teórico desenvolve a respeito dos espaços do habitar, em que a reverberação de sentimentos e lembranças produz imagens poéticas. Com isso, destacamos, amparados na fenomenologia, como o espaço se torna potência imagética no texto literário. Espaços como a casa, a morte e a chuva se destacam nos contos por percorrer vários deles. O manicômio está presente somente em um conto, mas esclarece rumores de uma possível loucura do personagem. Desenvolveremos algumas reflexões a respeito da visão fenomenológica do espaço que aparece com frequência nos textos.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como o escritor Agnaldo Rodrigues tece os espaços em suas narrativas, mas não como lugares de afeto e conforto e sim como espaços de tristeza, dor e morte, estruturando-os a volta de um conjunto de imagens que evidenciam várias emoções, sentimentos e reflexões sobre o ser humano. O ser humano em suas narrativas mostra-se sob várias faces e por trás de todas tem-se a morte que sempre está à procura de mais uma vítima. Como o próprio nome anuncia, *Mente Insana* (2008) trata-se de um livro subversivo em que a mente humana busca na sua essência as maldades do mundo criado.

A literatura agnaldiana e a construção dos espaços nos contos

As obras abordadas nesta pesquisa apresentam imagens comuns em alguns contos, que funcionam como elementos estruturantes da análise. São imagens que estão nos dois livros e se repetem em várias narrativas, parecem já fazer parte do enredo, pois agregam significados importantes no contexto desta discussão acerca do espaço e da ambientação. Elementos como a morte (presente em quase todas narrativas), a casa e suas variações, a noite, a chuva presença constante nas histórias da primeira publicação *A Penumbra 2004*, lugares ermos, são fontes de estudo para esta análise.

Ademais, comprehende-se que tais espaços ajudam a moldar a personalidade das personagens dos contos, o enredo e todo sentido da obra. Ao leitor cabe perguntar: Que espaços são esses? Que simbologia carregam? Qual importância tem a ambientação do local? Como o escritor formulou tais espaços? Como esses espaços influenciam as personagens nos contos? A ambientação é parte fundamental da construção da prosa ficcional. Na literatura consiste na criação de cenários, atmosferas e detalhes que situam uma narrativa em um contexto, é uma ferramenta poderosa capaz de transportar os leitores para mundos infinitamente distantes e despertar a imaginação para as possibilidades do universo criado. Conhecer a ambientação de uma trama é desvendar parte da experiência estética proposta por um autor durante sua construção ficcional.

Durante a leitura dessas obras o leitor é invadido por um misto de sensações que o fazem querer ler rápido para ver como terminam essas histórias

mergulhadas na imaginação em que ora temos o mundo real e ora estamos vivendo um sonho, uma fantasia para além do mundo real. São textos curtos, porém densos com mergulhos profundos na psicologia da alma. Situações adversas que impactam o leitor e com desfecho na morte. Enfim, ela é o que está atrás de quase todos os contos. Sua presença é sentida no decorrer da leitura e vista ao final das narrativas. Aliás, a morte poderia se dizer é tem papel de protagonista nos contos agnaldianos. O percurso todo dos contos é a procura dela, principalmente perceptível em *A Penumbra* (2004) que é uma coletânea onde a temática do amor não correspondido percorre quase todos contos e tem final trágico com a presença dela. Nesse sentido, o autor propõe aos leitores uma viagem imagética as profundezas da alma e a condição humana, uma ficção que com o tempo vem ganhando mais espaço na literatura brasileira.

Em se tratando do estudo da fenomenologia do espaço, este trabalho abordará as teorias do pesquisador Gaston Bachelard um filósofo francês que se destacou por suas contribuições para a fenomenologia e a psicologia da imaginação com obras que exploram a relação entre o indivíduo e o mundo, especialmente através da análise da linguagem poética e da experiência espacial. Uma de suas obras mais conhecidas é “*A Poética do Espaço*” (1979). Nela, o autor investiga como os espaços que habitamos e imaginamos moldam nossa percepção de nós mesmos e do mundo “O espírito pode chegar a um estado de calma, mas no devaneio poético a alma está de guarda, sem tensão, descansada e ativa” (BACHELARD, 1979). Dessa forma, explora a dimensão poética dos lugares, desde a casa até o universo, revelando como cada espaço carrega em si um significado simbólico e emocional. Também argumenta que os espaços não são apenas físicos, mas também psicológicos. Cada um de nós carrega em si uma espécie de “mapa interior” de lugares que marcaram nossa vida e esses lugares moldam nossa identidade.

Através da poesia e da fantasia, podemos transcender os limites do espaço físico e explorar dimensões mais profundas da nossa existência. Para esse autor a natureza é vista como uma fonte inesgotável de inspiração para a imaginação. Paisagens, elementos naturais e fenômenos celestes são explorados como símbolos e metáforas. Toda essa teoria é fonte inesgotável para este trabalho que pretende apresentar os espaços criados pelo escritor Agnaldo e a possível ligação deles com

a personalidade das personagens que compõe cada conto. A literatura abre-se para as criações do autor dando-lhe narrativas envolventes e instigantes e porque não dizer, dramáticas.

Em “*A Poética do Espaço*”(1979) Bachelard convida o leitor a uma profunda imersão na experiência espacial. Ele não se limita a analisar o espaço como um mero conceito físico, mas sim como uma vivência, uma construção da imaginação e da memória:

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade (BACHELARD, 1979, p. 184).

Para ele, a fenomenologia do espaço é a investigação da experiência subjetiva dos espaços, a forma como estes moldam nossa percepção de nós mesmos e do mundo. Ele nos mostra que os espaços não são neutros, mas carregam em si um significado simbólico e emocional, que varia de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. É uma investigação que busca compreender como eles moldam a identidade, as emoções e a percepção de mundo.

Nesse contexto, a casa, por exemplo, espaço bastante comum nos contos do Agnaldo é um desses espaços que merecem uma análise mais detalhada, pois é lá que sempre tem um acontecimento marcante que delinea toda narrativa. Acreditamos que a casa é o primeiro espaço que conhecemos e que nos oferece segurança e proteção. É o ponto de partida para todas as nossas explorações do mundo exterior. Dessa forma, mergulha na experiência humana do habitar, explorando a casa como nosso primeiro universo.

As perguntas são muitas: como aposentos secretos, aposentos desaparecidos se constituem em moradias para um passado inesquecível? Onde e como o repouso encontra situações privilegiadas? Como os refúgios efêmeros e os abrigos ocasionais recebem às vezes, de nossos devaneios íntimos, valores que não têm qualquer base objetiva? Com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica. Psicologia descritiva, psicologia das

profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de topoanálise. Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo (BACHELARD, 1979, p. 196).

A questão que se observa nessas narrativas ficcionais é que essa casa abriga muitas emoções e sentimentos conflituosos que descrevem uma personalidade doente e extremamente mal intencionada, pois há nelas um protagonista que usa esse lugar para praticar maldades contra outras pessoas. As personagens que habitam tais ambientes são solitárias e complexas. Essa disposição para sentir o espaço é possível por meio do corpo, a partir de uma dinâmica perceptiva.

Nessa loucura existencial, de sensações e sentimentos que o espaço projeta no corpo e a relação corpo/espaço, temos uma constituição poética do lugar habitado e do indivíduo que o habita. Em seus estudos convida-nos a revisitar nossas casas, não apenas como estruturas físicas, mas como paisagens íntimas que moldaram nossa personalidade e continuam a influenciar nossos pensamentos e sentimentos. Através da poesia do espaço, ele nos oferece uma nova perspectiva sobre a experiência de habitar, revelando a profunda conexão entre o homem e o seu entorno.

Dentro desta perspectiva podemos adicionar a este estudo outros espaços que poderão servir de base para esta reflexão, como a chuva, a noite e a morte. Tais elementos percorrem as narrativas e são facilmente percebidos nos contos. A chuva e a noite estão na maioria dos enredos auxiliando a compor o ambiente, como no conto Santos Escravizados: “Quanta chuva! Caminhei rápido, mas parecia que meus passos não eram largos o suficiente para despistar quem me seguia” (SILVA, 2004) E também quem sabe com a intenção de ajudar a construir a personalidade do protagonista, como uma pessoa que nunca se sente satisfeita, está sempre buscando uma vítima. São espaços/elementos que auxiliam o leitor a entender a personalidade do protagonista que, dominado pela maldade humana, ludibriou suas vítimas a fim de obter delas a essência de suas vidas, fazendo-as encontrá-las com a tão temível morte.

Segue-se um percurso construído pelo autor onde o desfecho da narrativa

é o encontro com a morte. Alguns personagens em alguns poucos contos conseguem salvar-se, mas a presença dela é constante em todos os contos. Percebe-se que existe nas narrativas uma busca incessante pela morte. Pode ser de forma inconsciente ou consciente, porém sempre vão pelos caminhos que as levam para tal desfecho. As personagens parecem procurá-la ao longo do percurso, seja este cronológico ou psicológico. Ora ela aparece visivelmente, ora ocultada nas tramas do texto. Sentimentos como medo, aflição, desespero envolvem as personagens e de certa forma o leitor que ao terminar a leitura do texto vivencia tais sentimentos de forma que o envolvimento com o texto o leva a pensar se foi sonho, realidade ou mera ficção. A construção das personagens tem uma relação intrínseca com os espaços apresentados. Personagens fechados, densos, com sentimentos maus e constantes.

Apontamentos sobre o corpus

A Penumbra, contos de introspecção (2004), é conhecido como sua primeira publicação. É uma coletânea composta por 10 contos curtos, porém de fôlego, que faz uma imersão nas profundezas da alma encontrando muitos vazios existenciais e individuais. Em todos os contos, apresenta-se como um narrador em primeira pessoa, que se expõe, se desnuda, mergulha em seu interior, em introspecção. Nesse mergulho na psiquê humana vê-se um ser sob vários ângulos. A princípio esse personagem vê sua própria imagem refletida em três caras: uma negra (que muda), uma iluminada (serena) e uma ofuscada (que chora), várias personalidades que habitam a essência desse ser.

Dentro dessa perspectiva desvenda-se um pouco dos conflitos internos vividos pelo protagonista. Pode-se pensar que essas caras são representações de seres que se contradizem no âmbito da personalidade humana. A presença de ritos oníricos representa a passagem da vida para a morte, do sonho para a realidade. O interior e o exterior afunilam-se entre a vida para a morte em contextos diferenciados que fazem parte de um enredo que comprehende muito além das palavras, da ficção. Há um jogo com as palavras, com as emoções e sensações que deixam o leitor completamente envolvido com a trama. Contos de introspecção chega no mais íntimo do ser humano, açoita de forma violenta a

alma e os devaneios das personagens.

Este livro apresenta dez contos. Sendo que os cinco primeiros têm a chuva como presença constante. Essa chuva simbólica pode deixar a entender que são lágrimas que molham o rosto das personagens que se encontrarão com a morte no desfecho da narrativa. Chuva e lágrima são simbologias do sofrimento que percorre todo enredo e desnuda as profundezas da alma do protagonista. A presença da morte é constante e seria como a mola mestra de todos os contos. O cenário é sempre a cidade grande onde os fatos acontecem. O ambiente compreende clima de tensão, medo, agonia. O clima de suspense perpassa todas as histórias, trazendo aos contos, mistério, fantasia, criatividade. Nesse sentido a ficção ganha espaço com os elementos da narrativa bem construídos, deixando o texto mais engendrado de suas características de introspecção.

Neste livro o escritor apresenta um ser humano perturbado. O narrador, em primeira pessoa, apresenta-se mergulhado nas profundezas de onde emerge um ser possuído por uma loucura descomunal. E esse ser é habitado pelo vazio de sentimentos bons, puros, sua plenitude é o mal, o que há de pior no ser humano. No prefácio do livro escrito pela professora Inocência Mata, pela Universidade de Lisboa/Portugal, em 2004 há uma definição bem construída a respeito da coletânea e seu enredo:

Contos de introspecção chamou-lhe o autor, em que o (s) enunciador (es) intenta (m) recuar ao seu mais profundo “eu”, buscando exorcizar medos e angústias de várias ordens, para se libertar (em) dos tabus que a sociedade engendra: os perigos do amor à primeira vista, o pecado original, os limites das relações sociais, o medo do desconhecido dito “deus”, os enredos da solidão humana, enfim, um sem número de lugares que fazem parte do cardápio da condição humana numa sociedade que se deixa reger não pelo querer e desejo do indivíduo, mas pelos preceitos do jogo do parecer. Por exemplo, o título do texto “A penumbra” bem poderia ser “Conto de uma loucura normal” (MATA, 2004, p.14).

A literatura consegue mostrar um olhar para a sociedade que, muitas vezes, pode ser um pedido de ajuda, como nos contos em análise. Pode-se, através do poder da escrita, trazer à ficção faces da realidade, como forma de provocação

e constatação social. A representação da realidade nua, tal qual ela se apresenta na vida real. Nessa direção, a relação literatura e ficção apresenta ao leitor inúmeras possibilidades de interpretação da vida real e da arte literária. Em alguns contos percebe-se que as personagens estão sempre com pressa, correndo para pegar o táxi num trânsito perturbador de cidade grande. Entretanto, esse cenário já deixa pistas de interior e exterior conflituosos. Elas estão à procura de um amor, são solitárias e estão exaustas da vida.

Contudo, o escritor usa o recurso de colocar uma frase que anuncia a narrativa numa página anterior, criando expectativas quanto ao enredo a ser lido. Essa frase apresenta de forma singela um pouco da narrativa de segue. É um bom direcionamento para a leitura, pois prende o leitor e amplia o horizonte de expectativas perante a obra. Temos na coletânea, cenários urbanos, com a presença de bar, táxi, hora marcada, igreja, pessoas solitárias, tristes, casarão, sangue, lágrimas. Esses elementos trazem à narrativa um pouco do que ela apresentará no decorrer da leitura. De todas, a morte tem papel principal. O narrador em primeira pessoa vive várias situações de conflitos em confronto com a morte. Não se sabe até onde tudo isso é sonho ou realidade. O leitor parece entrar e sair desses universos toda hora durante a leitura dos contos. Uma linha tênue liga o mundo real da narrativa e o da imaginação.

Em seu último conto “A penumbra”, o protagonista tem o diagnóstico de loucura (esquizofrenia) pois encontra-se internado em um manicômio, num vazio existencial, misturando sonho e realidade numa trama completamente envolvente. Este manicômio poderá ser onde todas as outras histórias se completam:

Acordei.
Compreendi tantas coisas sem sentido.
A Loucura chegou... Instalou-se... E eu nem percebi.
[...]
Uma lágrima caiu.
Rolou pela minha face.
Caiu na minha boca.
Então, tive a certeza de que a vida era salgada, mesmo para os
sãos (SILVA, 2004, p. 75).

Podemos perceber a quebra dos limites entre a loucura e a sanidade envolvida em atos que demonstram amor e ao mesmo tempo ódio. Há uma confusão

mental que ronda o narrador-personagem que mexe com seus sentimentos e suas emoções mais profundas. Existem nessas histórias tempestades interiores que desnudam a alma humana, sempre envolvida com os piores sentimentos e fazendo coisas que para qualquer ser humano são inimagináveis. As personagens “passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana” (CANDIDO, 2009, p. 35). É preciso ler esse livro com os olhos da ficção para não se envolver nessas histórias que são escritas com muita originalidade.

O lugar do manicômio é a verdade de todas narrativas, pois é um espaço onde ficam pessoas que fogem do mundo real, da consciência desejada. Junto com os outros lugares que servirão para estudo desta pesquisa que busca encontrar nesses espaços algum significado para construção da personalidade do protagonista. Candido, crítico literário, em seu livro *O discurso e a cidade* (1993), estabelece uma rica e complexa relação entre a literatura e o espaço urbano. O autor não se limita a analisar a cidade como mero cenário para as narrativas, mas sim como um elemento constitutivo e transformador tanto da escrita quanto da experiência humana. Esta obra oferece uma visão inovadora e abrangente sobre a relação entre literatura e espaço “Das circunstâncias do ambiente, da mediação de certos objetos, provêm as forças amolecedoras que alteram o sentimento e induzem às ações degradadas” (CANDIDO, 1993, p.78) Ao analisar como a cidade é representada na literatura, nos convida a refletir sobre a nossa própria experiência do espaço urbano e sobre o papel da literatura na construção de nossas identidades.

Em sua segunda obra produzida, *Mente Insana* (2008), o espaço que se nota está entre o sonho e a realidade. São quinze narrativas curtas e altamente psicológicas que abordam aspectos existentes entre o espaço do sonho e da loucura humana que compreendem o complexo universo da mente. Este livro dá continuidade ao estudo da loucura humana, do onírico. A relação com a realidade constitui-se em uma camada tênue em que o leitor poderá se perguntar se aquilo que lera teria sido sonho ou fantasia.

O livro contém um prefácio escrito por Carlos Gomes de Carvalho, autor de livros e Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras em 2008. Nele, Carvalho descreve sua visão sobre a obra em questão, afirmando:

É nesse clima surreal, em que a realidade se confunde com o sonho ou se torna a expressão mais completa da insanidade, que transitam os personagens destes contos de Agnaldo Rodrigues. O ambiente é fechado e opressivo, mesmo quando, vez por outra, surge a expressão sol, claridade, luminosidade. Por vezes há de se indagar se os demais personagens com os quais o narrador central (suponho ser único, unívoco) interage existem efetivamente, ou se tudo não passa de uma mera alucinação, com os fatos e diálogos transcorrendo apenas na mente insana deste narrador (CARVALHO, 2008).

O espaço entre o sonho e a loucura humana é curto e indissociável. As coisas ganham vida nas narrativas deste autor, pessoas se confundem com figuras, objetos são personificados, seres se humanizam dando aspecto de real. As situações que acontecem fora da realidade, no “non sense” perpassam todos os contos. Como o nome adianta *Mente Insana* (2008) não trabalha dentro dos eixos da sanidade mental, abarca outros campos, outros aspectos que fogem do mundo real.

Em relação à posição do narrador, percebe-se que em alguns contos ele vivencia os acontecimentos como personagem principal ou em outros é narrador-observador, apenas conta a história sem se envolver nos fatos. A presença dele se efetua de forma significativa nas histórias. Sempre está desempenhando alguma função, transpassando de forma coletiva pelos contos, ora sendo protagonista, ora ocupando uma posição singela. Vejamos isso na prática com o discurso do narrador-personagem do conto “Os gatos da rua morta”: “Todas as noites eu acordava com o miado dos gatos...” (SILVA, 2008, p. 41). Em outro conto vemos o narrador observador em terceira pessoa explícito no conto “Assassino na torre da catedral”: “Nesse dia ele acordou faminto. Tomou o café e foi visitar um por um dos seus fiéis...” (SILVA, 2008, p. 71). Percebemos assim que o narrador sabe de toda a história e conta ao leitor todas as ações com riqueza de detalhes próprias de uma boa narração.

Através dele o leitor conhece a fundo as personagens, manipula suas falas, seus sentimentos, sua intimidade. Também dará a voz para a personagem

ou para si próprio. Não há predominância de sexo no papel desempenhado pelo narrador. Apresenta-se às vezes como um narrador feminino e em outros contos como masculino.

O cenário das narrativas comprehende cidades grandes e pequenas. No primeiro conto “A dama do vestido de seda” o espaço é uma cidade do interior e a história se passa num casarão antigo, típico desses lugares. Nesse conto o autor toma como cenário um casarão antigo tombado como patrimônio histórico da cidade de Cáceres para desenvolver sua história. Em outros contos há outros lugares variados. Percebe-se que o escritor perpassa vários cenários nas narrativas, mas em algum momento retorna a sua cidade natal como palco de suas histórias, como acontece por exemplo no conto Metamorfose “São Luiz de Cáceres nunca mais seria a mesma! Cedo ela tomou o café preto...” (SILVA, 2008). Há também em alguns contos a presença do Rio Paraguai que margeia a cidade de Cáceres, como no conto Esfinge “Quem não souber ou errar... terá de olhar nos meus olhos para dar bom dia à Cérbero. Se acertar, precipito-me no Rio Paraguai” (SILVA, 2008).

Outra característica deste autor é ornamentar seus contos com cores. Elas trazem a obra certa simbologia a ser observada. Há a predominância do vermelho e do preto. Essas cores remetem a um clima de tensão, de obscuridade e paixão. As cores pretas e vermelhas simbolicamente são preferidas pelo autor para compor seus enredos. O vermelho simbolizando o proibido, o imoral, o atrativo e o pecaminoso. De acordo com o livro *Psicologia das cores* “[...] as cores funcionam apenas como deixas. Quem conhece o simbolismo das cores poderá usar esse conhecimento em prol de seus interesses.” (HELLER, 2013, p. 510). Trata-se de cores escolhidas para adornar algumas possibilidades enunciativas dos cenários construídos para as tramas, atribuindo densos significados aos cenários e figurinos. O vermelho lembra a paixão, o calor, a intensidade; ao preto o luto e a dor; e ao branco a simbologia da paz, do fantasmagórico. Sendo assim, ajudam a promover o impacto desejado nas situações psicológicas em que as personagens se encontram.

Quanto às personagens, algumas são femininas e outras masculinas, não há predominância de gênero nesta coletânea, o que já se observa em outros livros publicados depois. Nota-se que o escritor de agora tem preferência por

protagonistas do sexo feminino para compor suas tramas. Porém, suas primeiras obras são mais voltadas para a evidência do masculino.

A escolha das personagens é outro pilar importante na construção de uma narrativa. É através delas que o leitor se conecta com a história, se identifica, se emociona e se questiona. Para criar suspense, como é o caso dessas duas obras, as personagens precisam ser misteriosas ou com segredos ocultos, pois aumentam a curiosidade do leitor e aguçam suas expectativas em relação ao enredo apresentado. Ao construir personagens complexas e interessantes, o autor garante que o leitor se envolva com a narrativa e se lembre dela por muito tempo. Haja vista, que *Mente Insana* é um livro para ler e lembrar dele por muito tempo, devido a profundidade de suas narrativas, as várias camadas de suas personagens.

Considerações finais

A obra *Mente Insana* (2008), de Agnaldo Rodrigues, apresenta contos que exploram a instabilidade entre realidade, sonho e delírio, colocando em evidência o limite tênue entre sanidade e loucura. A alternância entre narradores em primeira e terceira pessoa contribui para uma narrativa fragmentada, com diferentes perspectivas dos acontecimentos. Os cenários utilizados, especialmente a cidade de Cáceres e o Rio Paraguai, reforçam um vínculo com o espaço regional, ao mesmo tempo em que adquirem função simbólica nas tramas. As cores também desempenham papel expressivo, sugerindo estados emocionais e atmosferas específicas, principalmente através do uso do vermelho e do preto.

As personagens são variadas quanto ao gênero e à função narrativa, destacando-se pela complexidade psicológica e por estarem inseridas em contextos marcados por tensões subjetivas. O texto propõe uma leitura que ultrapassa a representação realista, sugerindo interpretações que dialogam com temas ligados à psique, ao imaginário e à desordem da percepção. Dessa forma, *Mente Insana* se estabelece como uma obra que desafia a linearidade da narrativa tradicional e propõe uma abordagem literária centrada na instabilidade da mente humana.

Referências

- BACHELARD, Gaston **A Poética do Espaço** Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal (1979).
- CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade** - São Paulo: Duas cidades., 1993.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CARVALHO, Carlos Gomes de. Prefácio. In: RODRIGUES, Agnaldo. **Mente Insana**. Cáceres: Editora Unemat, 2008.
- Heller, Eva, 1948-2008. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão** / Eva Heller; [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]. -- 1. ed. -- São Paulo: s.d.
- Mata, Inocência. Prefácio. In: RODRIGUES, Agnaldo. **A Penumbra**. Cáceres: Editora Unemat.2004.p.14.
- SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **A Penumbra: contos de introspecção**. Cáceres: Editora Unemat, 2004.
- SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Mente Insana**. Cáceres: Editora Unemat, 2008.